



REVOLTA
BOÉMIA

A sociedade secreta dos makavenkos

Os makavenkos, amados e odiados, reuniam-se numa cave para transformar as noites numa farra, ao mesmo tempo que contribuía com prazer para a centenária revolução republicana. TEXTO DE ANABELA NATÁRIO





Entravam bem trajados pela Rua dos Condes, como se fossem para o teatro. Empresários, políticos, artistas, médicos, jornalistas, aristocratas e plebeus, monárquicos e republicanos, maçons, ultraconservadores e revolucionários passavam as bilheteiras sem parar, desciam dois lanços de escada e tocavam à porta da sociedade ‘secreta’ dos makavenkos... um clube privado lisboeta para polígamos “de todas as qualidades, excepto os vadios”, que gostavam de petiscar na mesa e na cama. Ali, cozinhou quem sabia e desfrutava quem podia, sempre em agradável companhia feminina, também aceite sem discriminação de classe, da nobreza à rua, conforme as paixões dos convivas.

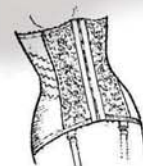
À entrada, vestiam o modo de ser makavenkal: o prazer da boa mesa, da “alegre rapieira”, e a compensação dos ‘pecados’ com actos de benemerência. Mas, ao fim de 26 anos, quebraram uma das regras. Ou nunca cumpriram essa de não falar de política e religião. No ano de 1910, na Casa dos Makavenkos, onde a prioridade era dar “largas à alegria e elasticidade à tripa”, preparou-se a revolução. Na cave do Teatro Condes, edifício que já foi cinema e é agora o Hard Rock Cafe, os republicanos e maçons Francisco de Almeida Grandella, 57 anos, José António Simões Raposo, 35, José Cordeiro Júnior, 40, José de Castro, 42, Machado dos Santos, 35, e Miguel Bombarda, 59, conspiraram contra a monarquia, contra o rei D. Manuel II, de 21 anos e no trono havia 29 meses.

O clube fora fundado, em 1884, por Francisco Grandella e mais 12 amigos que gostava-

vam de patuscadas, reinava ainda D. Luís. A divisa escolhida foi a da britânica Ordem da Jarreteira, a comenda da liga azul, *honni soit qui mal y pense*, talvez por ter sido inspirada por uma amante de rei que deixou cair uma liga quando com ele dançava num baile da corte. Pelos primeiros estatutos, os sócios não ultrapassavam o número 13 (regra rapidamente alterada para integrar mais 13 e mais 13... ao longo dos anos, o clube teve mais de 100 sócios), mas podiam levar convidados. Todos eram iguais perante a sopa, o copo e as makavenkas e nenhum podia namoriscar com a mesma por mais de 15 dias. Findo este período ela seria declarada “praça aberta” e ele, se insistisse, levava o título de “lamechas” e a intimação para pôr fim ao relacionamento em 24 horas.

Onde primeiro se assentaram os comensais foi no Palacete do Conde de Antas, no jardim, também casa de várias espécies de animais, por isso denominado Parque Zoológico. Todavia, os makavenkos nunca deixaram de saltitar por outras casas e restaurantes, até o empresário Grandella comprar o terreno do velho Teatro Condes e mandar reconstruí-lo em 1888, reservando a cave para prazeres levemente ligados à dramaturgia, não obstante vulgarmente se enchia de autores, actores e actrizes... E ali se implantou a sede makavenkal para jantares, festas, banquetes e, mesmo, sessões de espiritismo, por onde passou uma boa parte da alta sociedade e da intelectualidade masculina.

Mas, não fosse Grandella um homem com uma visão extraordinária do futuro e os restantes sócios aventureiros entusiastas, o clube extravasou a cave e internacionalizou-se, quatro anos passados da revolução



TEATRO DOS CONDES
NA ESQUINA DA AVENIDA DA LIBERDADE COM A RUA DOS CONDES, FRANCISCO GRANDELLA MANDOU RECONSTRUIR O ANTIGO PRÉDIO DE UM PISO, CRIANDO UM TEATRO MODERNO COM UM CLUBE PRIVADO NA CAVE

republicana. Há muito que os makavencos desejavam fundar, nas possessões portuguesas em África, uma cidade que começaria “como todas as outras, por uma casa, depois por outra e logo a seguir por muitas”. Um dia tornou-se sócio Alfredo Ribeiro da Fonseca, que se preparava para uma missão africana. Erguer uma Makavenkopólis revelou-se a outra missão do “novo Culombo”, como cognominaram o militar, por ser “um nome simbólico e sugestivo, composto por duas coisas que a natureza das mesmas pôs em seguida uma à outra”. O capitão partiu, levando uma credencial que o habilitava a içar, em nome da sociedade, “a bandeira bicolor (verde e encarnada, está bem visto) no primeiro ponto propício à fundação de uma colónia

Makavenkal”. Souberam mais tarde que o nome da sociedade tinha sido dado a uma escola e que “mais de cem rapazes, que mais pareciam makavencos” a frequentavam no distrito da Lunda, no Kuela, “capitania-mor dos bandos e bangalas”.

Na casa da metrópole, os trabalhos revolucionários — assim se lia nas convocatórias escritas pelo punho do advogado e grão-mestre adjunto da Maçonaria José de Castro — nunca se devem ter realizado numa sexta-feira, dia reservado às makavenkadas, nem tão-pouco às terças, em que as noites talvez ainda estivessem ocupadas pela Academia Real dos Camelos, uma subdivisão do clube presidida pelo ex-padre e republicano João Bonança, transformando-se uma das salas a

As sextas-feiras estavam reservadas às makavenkadas e as terças à Academia Real dos Camelos

preceito, com panos de Arraz a tapar as paredes e, nos lambrins, desenhos alusivos a caravanas no deserto, para que os discursos pós-refeição estivessem bem enquadrados.

Também não deve ter contado com a companhia do makavenko Santos Joya, que exercia “extraordinário poder magnético sobre as mulheres, convidando-as às dezenas para os jantares” e, por essa razão, já merecera “as honras dum festim à romana e respectiva coroa de louros, para se lhe exaltar as suas qualidades de macho”. Quando ele não aparecia faltavam “damas e melhores exemplares... da raça luso-espanhola” que “abrilhantassem a encantadora festa porque as flores animadas são sempre bem cabidas e apreciadas”.

Mas, provavelmente, o que a Comissão de Resistência da Maçonaria (nomeada por decisão unânime do “Povo Maçónico”, reunido a 14 de Junho de 1910) não deixou escapar foram os petiscos preparados por Josué dos Santos, o mordomo que, antes de ser contratado, andava pelas feiras em demonstrações macabras com esqueletos e afins. Era um cidadão do mundo, chegou a travar amizade, na Abissínia, quando foi visitar uns companheiros da armada italiana ali presos, com o rei Negus, o qual, lembrando-se, na certa, dos belos carapaus que este lhe cozinhou, enviaria à família uma mensagem de condolências ao saber da sua morte. É, aliás, da autoria do despenseiro, por vezes cozinheiro, a explicação ‘científica’ do nome da socie-



BORDALO PINHEIRO
O ARTISTA PLÁSTICO, TAMBÉM ELE UM MAKAVENKO, FEZ UMA CARICATURA DE GRANDILLA, NO JORNAL DE HUMOR POLÍTICO “ANTÓNIO MARIA”, EM 1891, ASSINANDO A ABERTURA DOS GRANDES ARMAZÉNS





BENEMERÊNCIA EM 1919, OS MAKAVENKOS TIVERAM DIREITO A UMA PÁGINA DO SÉCULO, QUANDO LANÇARAM A PRIMEIRA PEDRA PARA O SANATÓRIO DE MONTACHIQUE, UMA OBRA QUE NUNCA FOI CONCLUÍDA POR FALTA DE VERBA

dade... inventado por Grandella: um povo de origem asiática, das ilhas Curilas, que já habitara na península ibérica, no que é hoje Portugal e no País Basco, muito antes dos gregos, “antes do desaparecimento da Atlântida e tinham uma seita que professava uma espécie de culto pela mulher esbelta, mundana, com quem conviviam e protegiam aproveitando-a mesmo para fins de utilidade geral”.

Fosse qual fosse a origem, a palavra ‘makavenko’ não agradava a todos: a uns por pura inveja e a outros por... a confundirem com desvergonha. Será mesmo objecto de discussão na Câmara dos Pares do Reino, logo a seguir ao assassinio do rei D. Carlos, durante o governo de “acalmação”, quando Francisco Joaquim Ferreira do Amaral se tornou presidente do Conselho. No Parlamento, acusaram-no de ser makavenko, ao que ele respondeu ter muita honra em pertencer a um grupo de homens que se juntava “em cavaco despreocupado e ameno, e que, ao fim das refeições que comprou com o seu dinheiro, se não esquecem de dar de comer a quem tem fome, e de proporcionar instrução a quem dela precisa para ganhar honradamente a sua vida”. Oficialmente, estava suspenso — uma das regras obrigava o detentor de um cargo político a suspender a sua qualidade de sócio. Na mesma altura, também o acusaram de perseguir Francisco Grandella, mandando a polícia fazer buscas nas suas residências, dizendo procurar o escritor “anarquista” Aquilino Ribeiro que se evadira da prisão. Até nos makavenkos fizeram rugas, sob o pretexto de jogo clandestino.

Ferreira do Amaral, mais tarde presidente honorário da sociedade, conheceu Grandella por ocasião do Centenário do Descobrimento da Índia, em 1898. O engenheiro makavenko Ângelo de Sárrea Prado levou o almirante e outro membro da Sociedade de Geografia à

Um sanatório em Montachique

EM Cabeço de Montachique, o salútil logarejo do concelho de Loure, foi lançada a primeira pedra do edifício destinado a um sanatório para candidatos á tuberculose, benemerita iniciativa da simpática Sociedade dos Makavenkos, tendo cedido bizarramente o terreno o socio sr. Francisco Grandella.

O sanatório ocupará uma area de 3.500 metros quadrados, incluindo os jardins e ficará a meia encosta do cabeço, a uma altitude de duzentos metros.



O sr. Tavares de Melo, secretario da Sociedade dos Makavenkos, lendo o auto.



O engenheiro sr. Alexandre Soares e o sr. Francisco d'Almeida Grandella, no primeiro cabouco aberto.



Durante a leitura do auto, no ponto em que ha de erguer-se o edificio.



Grupo tirado na balaustrada da varanda da casa do sr. Grandella, depois do almoço por ele oferecido aos seus convidados.

(Clichés A. Franco).

fala com a direcção do clube. Queriam pedir-lhes que fizessem o possível em prol das comemorações, dizendo-se preocupados com a falta de hotéis, face ao número de pessoas esperadas em Lisboa. E sugeriram que um makavenko abrisse um grande hotel, “de confiança e que não escaldasse, para poder ser recomendado pela Sociedade de Geografia”. Logo Josué, com dois sócios por detrás, se prontificou a tratar da logística e uma das damas presentes assumiu a gerência, porque “l’amour oblige...”, escreveu Grandella. Num instante, tomaram um prédio, na Avenida da Liberdade, onde fora o Hotel Mata, e, em três tempos, se inaugurou com um “sumptuoso jantar” servido em loiça da Índia.

Dos encontros da Comissão de Resistência, cujos trabalhos são difíceis de descortinar, já que durante a revolução de Outubro ninguém parecia coordenar ninguém, não deu Francisco Grandella conta no seu livro “Memórias e Receitas Culinárias dos Makavenkos”, que editou em 1919. Nem sobre as reuniões dos maçons com “plenos poderes para velar pela segurança dos irmãos, defender



FRANCISCO GRANDELLA NASCIDO EM 1853, EM AVEIRAS DE CIMA, REVOLUCIONOU O COMÉRCIO PORTUGUÊS. E FOI TAMBÉM UM IDEALISTA DA REPÚBLICA, UM MAÇON QUE SE DESILUDIU E UM GRANDE FILANTROPO



a maçonaria dos ataques da reacção política e religiosa, guiando o trabalho dos obreiros no mundo profano no interesse superior da pátria e da segurança dos cidadãos”, nem sobre outros episódios por poderem causar escândalo, confessou o proprietário dos Armazéns Grandella numa carta ao seu amigo arquitecto e, a dada altura, presidente dos makavencos, Rosendo Carvalheira. Mas a outros não perdoou, como no caso de Sebastião, o escrivão da Boa Hora castigado por mau comportamento. É que esse sócio, a seguir a um banquete, atravessou as salas, meteu-se na última com a sua Chica dos Camarões, “sem se importar do que pudessem dizer e... ouvir...” Grandella não gostou e fez queixa formal à direcção. Foram nomeados o juiz (o médico patologista Azevedo Neves), os advogados e os jurados, e o réu foi condenado a ver o seu retrato pendurado na sala do crime, tapado por uma parra da faiança do makavenko Bordalo Pinheiro. O queixoso

Entre os castigos, havia o Suplício do Penico. A fotografia do condenado era colada no fundo de um bacio

ficou satisfeito, embirrava com o homem desde que dissera mal de uma das suas sopas e das suas palavras.

Fora-lhe, portanto, aplicado o Degredo da Parra, mas o castigo podia ter sido o de se pintar a óleo o seu retrato num banco para que todos se sentassem em cima dele. Ou o Suplício do Penico, que constava de colocar a fotografia do condenado no fundo de um bacio. Ou, ainda, obrigá-lo a beber, quase sem respirar, 12 capilés de cavalinho, o xarope de avencas, água fresca, casca de limão e gelo, que se sugava por um tubo de lata com a figura colorida de um cavaleiro tauromáquico e era considerado uma bebida de gente fraca. Mas teve sorte, Sebastião, porque podia ter ficado sem as ligas... ■

anatario@expresso.impresa.pt

BIBLIOGRAFIA: “Memórias e Receitas Culinárias dos Makavencos”, Editora Marginalia, 1994; “Grandella”, Victor Luís Eleutério, Montepio Geral, 1997; “Grandela e a Foz do Arelho”, Vasco Trancoso, PH — Património Histórico, 1994; “A Maçonaria e a Implantação da República”, Fundação Mário Soares, 2009; “Memórias”, Vol. II e III, Raúl Brandão in <http://docs.paginas.sapo.pt/raulbrandao>; “Annaes da Camara dos Dignos Pares do Reino” in <http://debates.parlamento.pt>; “A Revolução Portuguesa, o 5 de Outubro”, Jorge d’Abreu, Casa Alfredo David, 1912

A receita da discórdia

Ochsena. Eis uma palavra germânica que quer dizer carne artificial. Um dia recebemos do estrangeiro, cremos que de Hamburgo, uma porção de latinhadas de ochsena, palavra que jamais tínhamos visto escrita ou ouvido pronunciar, e, passando a cheirá-las, tivemos a impressão que nos dera o extrac-to de carne de Lebit. Experimentámos e o resultado foi maravilhoso e logo se tratou de preparar uma sopa, nos Makavencos, empregando a ochsena. Seguimos as indicações à risca, cortando em pequenos pedaços cabeças de nabo, algumas cenouras, e, como quem preparara caldo verde, algumas folhas de couve. Como era eu o cozinheiro, juntei-lhe uma porção de cevadinha, posta de molho desde a véspera, sem sal, segundo as indicações, e pus tudo ao lume, sem nenhum outro tempero... Depois de tudo estar bem cozido, deitei-lhe a ochsena precisa, uma colher das de chá por cada pessoa, e mexi bem para se espalhar e dissolver. Quatro ou cinco minutos depois fui à mesa e consegui apresentar uma sopa tão boa e tão saborosa como havia muito não tinha ido à apreciação makavencal. Uma verdadeira delícia! Com semelhante sucesso, fartos elogios às minhas qualidades culinárias... com busto na sala, e tudo... dispus-me, como era costume, a fazer a descrição do jantar, relatando as coisas mais notáveis da sessão pantagruélica a que tínhamos assistido e na qual se tinha falado, comido e rido...! Não gostou o sr. Sebastião da Chica dos Camarões... que, descompondo-me, dali a alguns dias, no livro das actas e acontecimentos da Sociedade Makavencal, declarou que havia de transformá-la, pois não desejava que ela se equiparasse a... uma taberna ou a uma cavalariça!...

